

REVISTA ADVENTISTA

Director e Editor: ERNÉSTO FERREIRA
Administrador: P. BRITO RIBEIRO

CORPO DE REDACÇÃO: A. Casaca, E. Ferreira, E. Miranda, F. Cordas, F. Mendes, M. Laranjeira, M. Lourinho

Proprietária: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 — LISBOA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

TIPOGRAFIA GOMES & RODRIGUES, LDA.
RUA ENG. VIEIRA DA SILVA, 12-B — LISBOA

Número avulso 2\$00
Assinatura anual 20\$00

ANO XX

ABRIL 1959

N.º 151

A PÁGINA EDITORIAL

Prezados Irmãos:

Com a entrada do segundo trimestre do corrente ano temos em perspectiva alguns planos que deverão ser postos em prática na Igreja de Deus.

A Campanha das Missões

«...a noite vem, quando ninguém pode trabalhar.» (S. João 9:4)

Mais um ano de vida nos concedeu o Senhor, o que, equivale a dizer, que mais uma oportunidade nos oferece o Senhor para trabalharmos, arduamente, numa nova Campanha das Missões.

É chegado o grande momento de empregarmos, mais uma vez, os talentos que Deus nos deu, fazendo-os frutificar.

O grande lema, do momento que passa, deve ser, prezados Irmãos, «A Igreja ao trabalho».

A Campanha das Missões é mais uma prova de amor da parte de Deus para conosco, pois, mais uma vez nos convida a trabalhar, na sua vinha. A todos nos diz o Senhor, indistintamente: «Ide vós, também, para a vinha». É o convite amoroso para o trabalho na grande obra do Senhor — agora expresso na Campanha das Missões que nos é dirigido — a todos, sem excepção.

Todos somos convidados, prezados Irmãos, pois todos estamos, plenamente, representados, na «parábola dos trabalhadores e das diversas horas do trabalho».

Que contas daríamos ao Senhor da vinha, se fôssemos encontrados ociosos, quando o Salvador vier, em glória, a buscar os remidos?

É certo que todos compreendemos a importância da hora que passa. Saibamos, agora, corresponder e passar à acção.

É este o momento de «ampliar-mos o lugar da nossa tenda e de alongar as nossas cordas firmando bem as nossas estacas».

Que a Campanha das Missões deste ano de 1959 traga muitas preciosas almas ao conhecimento da verdade salvadora da Mensagem — seja a nossa oração, prezados Irmãos — corroborada com o nosso trabalho activo e diligente.

Dia especial de jejum e oração: Sábado, 18 de Abril

Os nossos Obreiros, na China, estão passando por grandes dificuldades. A situação é comovedora e alarmante. Parece que o governo comunista chinês decidiu unir as várias organizações evangélicas, numa única Igreja Cristã Chinesa. Isso mesmo já foi posto em prática, numa grande cidade da China, onde havia 200 igrejas, que foram reduzidas a 15. Noutra cidade, onde existiam 65, foram autorizadas só 4. Temos informações de que os nossos Irmãos também estão incluídos no número dos que ficaram sem casas de culto e, possivelmente, obrigados a juntarem-se a outras denominações, provà-

velmente, ao domingo. Eis o que nos é comunicado da nossa Divisão Sul-Europeia:

«A nossa obra na China, atravessa uma hora de crise. No meio de convulsões económicas e sociais, sem paralelo na história moderna, o futuro da nossa obra parece arriscado e difícil. É este decerto, o tempo para os Adventistas do Sétimo Dia, em toda a parte do mundo, buscarem a Deus, fervorosamente, a favor da Sua causa, na China; é esta a razão, por que o Conselho da Conferência Geral votou consagrar o *Sábado, 18 de Abril de 1959, como um dia especial de jejum e oração, em prol da nossa obra na China.*»

Mas o propósito deste dia de jejum e oração, ainda foi alargado.

Perante a agitação mundial crescente, nomeadamente: a crise de Berlim; as sublevações na África Central; a agitação no Médio Oriente; a pressão acelerada sobre a observância mais rigorosa das leis dominicais, nos Estados Unidos — o Conselho da Conferência Geral resolveu ampliar o objectivo do Dia Especial de Jejum e Oração, Sábado, 18 de Abril de 1959. Por isso, em vista do rápido desenvolvimento destas condições políticas e religiosas tão relacionadas com a pregação da Mensagem do Advento, o objectivo do Dia Especial de Jejum e Oração, de Sábado, 18 de Abril, será a favor do nosso trabalho e dos nossos obreiros, na China, e para que o Senhor retenha, mais

UMA PROFECIA QUE REÚNE DUAS ÉPOCAS

Por ANTÓNIO CARACCILO

Entre os factos mais salientes da vida de Jesus, há dois que ficaram particularmente presentes na consciência dos Cristãos: o nascimento e a morte do Redentor. Há três meses, comemorou-se o primeiro destes acontecimentos. O segundo comemorou-se em fins de Março.

Não pretendemos fazer, agora, uma reevocação histórica da paixão de Jesus, nem pretendemos explicar-lhe o significado. Vamos, apenas, recordar um discurso que Jesus pronunciou na altura da sua paixão e morte e que relaciona estranhamente aquele tempo com o nosso.

Três dias antes da prisão, provavelmente, a 11 de Nisan (o 7.º mês do calendário civil hebraico que correspondia a parte de Março e de Abril do nosso calendário), do ano 31 da era vulgar, Jesus encontrava-se no pátio do templo de Jerusalém. O esplêndido edifício, onde se realizavam as funções religiosas erguia-se no lado ocidental de um vasto terraço que se estendia no cimo da colina do Mória, na parte nordeste da antiga Jerusalém. Saindo do templo com os discípulos, Jesus desceu com eles a encosta oriental do Mória, e depois de atravessar a torrente do Cédron, subiu, sempre na companhia dos discípulos, os declives ocidentais do Monte das Oliveiras. À medida que iam subindo, surgia-lhes a magnífica construção do templo, com

os seus pórticos, os seus pátios as suas fortes muralhas.

Um dos discípulos chamou a atenção do Mestre para as pedras colossais que formavam o recinto exterior e para os edifícios majestuosos que se erguiam no interior. (S. Marcos 13:1). Ao que o Mestre respondeu com um certo acento de tristeza: «Vês estes grandes edifícios? Não ficará pedra sobre pedra que não seja derribada». (versículo 2). A terrível profecia cumpriu-se à letra, quarenta anos mais tarde, quando o templo foi arrasado pelas tropas de Tito.

Dois dias antes, quando entrava em Jerusalém montado num jumento, como costumavam fazer os reis de Israel, fora Jesus acolhido triunfalmente pela população. Parecia aos discípulos que já era tempo de o Messias se manifestar plenamente à nação eleita. Tinham compreendido que era necessário que Ele se retirasse, durante um certo tempo, mas estavam convencidos de que voltaria cheio de poder e de glória para restituir a Israel o seu antigo esplendor, e inaugurar uma nova idade.

Naqueles tempos, os Judeus estavam convencidos que o templo, símbolo da eleição divina, deveria durar tanto como a nação eleita e, portanto, para sempre. Os discípulos de Jesus participavam desta opinião geral. Por isso, quando ouviram aquelas palavras de Jesus, pensaram que o funesto acontecimento

predito pelo Senhor, se realizaria coincidindo com a Sua volta, «no fim da geração presente». Estavam, portanto, ansiosos por saber *quando* aconteceriam tais coisas.

E assim, quando o Mestre se sentou no Monte das Oliveiras, aproximaram-se e perguntaram-lhe: «Dize-nos, quando serão essas coisas (a destruição do templo e a tua vinda), e que sinal haverá da tua vinda e do fim do mundo?» (S. Mateus 24:3).

Para uma visão completa do discurso profético do Senhor, convém reler o capítulo 24 de S. Mateus. Vamos salientar, apenas, alguns pontos.

Jesus começa por anunciar uma série de acontecimentos fatais, que são, apenas, um preságio da catástrofe irreparável que deverá ferir o templo e a cidade de Jerusalém. Em seguida, depois de alguns avisos aos discípulos (enumera os sinais da sua volta e exorta os seus a vigiar e a prepararem-se em vista disso e do juízo final.

Antes de mais — especifica Jesus — aparecerão falsos Messias que seduzirão muita gente. Haverá, depois, perturbações de povos («nação contra nação, reino contra reino»), carestias, terramotos e ferozes perseguições contra os seus seguidores. Aparecerão, também, muitos falsos profetas, cuja obra de engano prosperará, grandemente.

uma vez, os ventos da luta, entre as nações.

Prezados Irmãos! Juntemos as nossas orações e o nosso jejum do próximo dia 18, Sábado, às orações e ao jejum dos nossos Irmãos espalhados por todo o mundo e unâmo-nos, em espírito, neste solene dia, segundo as intenções indicadas.

As próximas Assembleias da Conferência Portuguesa

Prezados Irmãos!

É com muito júbilo que, desde já vos anunciamos, que as próximas Assembleias da Conferência Portuguesa se efectuarão, no Por-

to, no mês de Junho do corrente ano.

No próximo número da Revista Adventista se fará a promulgação oficial da convocação — conforme determinam os nossos Estatutos — assim como se publicarão as normas para a designação dos respectivos delegados.

A. Casaca

Neste clima de ódio e de apostasia, a iniquidade aumentará e a caridade dos bons enfraquecerá. Mas, apesar de tudo, o Evangelho será pregado em todo o mundo. (S. Mateus 24:4-14).

Todos aqueles sinais se realizaram nos anos que precederam a distribuição de Jerusalém. Na Palestina, apareceram falsos Messias e falsos profetas que fizeram muitos prosélitos entre o povo. No mesmo período de tempo, o império romano era agitado por graves perturbações — só em 18 meses perceram de morte violenta 4 imperadores — e em várias partes do império houve também grandes perturbações e horríveis massacres. Em consequência das guerras houve severas carestias; uma, particularmente dura, no reinado de Cláudio é recordada por diversos historiadores antigos. Os anos de 31 e 70, da nossa era tiveram pelo menos, seis terremotos desastrosos. Todos conhecem, pela leitura dos Actos dos Apóstolos, as cruéis perseguições que os Judeus infligiram à igreja nascente.

O cerco e a queda de Jerusalém deveriam produzir entre os seus habitantes, tremendos sofrimentos e destruições inauditas. Jesus, porém, quis que os seus sequazes fossem poupados a tais horrores; por isso, antes de passar a enumerar outra série de acontecimentos indicativos, recordou-lhes um facto, de resto, já predito pelo profeta Daniel, e que deveria servir-lhes de sinal para fugirem da cidade condenada. Tal facto era a «abominação da desolação... posta no lugar santo» (versículo 15), isto é, a presença dos emblemas de Roma dentro dos sagrados recintos do templo. Quando aparecesse este sinal, os crentes deveriam fugir sem nenhuma tardança, para os montes (versículos 16 e 17). E ao mesmo tempo deveriam estar vigilantes para não se deixarem seduzir pelos falsos Cristos que surgiriam aqui e além, como que às escondidas, ao passo que Jesus salientava que a Sua volta seria visível como o relâmpago (versículos 23-27).

E eis uma série de acontecimentos celestes insólitos, que

preanunciarão a Sua vinda: O Sol escurecerá, a Lua deixará de brilhar, as estrelas cairão do céu e as mesmas potências do céu serão abaladas (versículo 29). Até que no céu apareça o «sinal do Filho do homem», e depois d'elle aparecerá Jesus triunfante circundado de milhares de anjos que descerão à terra para congregarem os eleitos dos quatro pontos cardeais (versículos 30,31).

O Mestre salienta que estes sinais extraordinários têm um valor indicativo: o fiel discípulo poderá deduzir deles que o tempo da volta do seu Senhor está próximo, assim como cada um julga que o Verão está próximo, quando os figos despontam na figueira. Mas o momento exacto da volta do Senhor está occulto aos mortais: só Deus o conhece (versículos 32-36).

O discurso profético de Jesus continua com as parábolas das Dez Virgens e dos talentos; a primeira é uma chamada enfática à vigilância; a segunda é um estímulo à diligente operosidade, enquanto se espera a volta do Senhor.

O discurso termina com a visão do juízo final. Os anjos separam os bons dos maus, e enquanto aqueles são acolhidos pelo Senhor nas mansões eternas, os maus são condenados à eterna destruição (versículos 31-42).

Como se viu, na mente dos discípulos do Senhor, a destruição de Jerusalém, a volta de Jesus e o «fim da presente geração» eram acontecimentos simultâneos. Na sua resposta à pergunta dos discípulos acerca do tempo da destruição do templo e da Sua vinda, Jesus não distingue os dois acontecimentos, mas fala deles, como se efectivamente, fossem simultâneos. Evidentemente que ao olhar profético de Jesus os dois tempos não aparecem separados por um longo lapso de tempo, como estão na realidade, mas fundidos numa única visão. O intervalo de tempo entre as duas circunstâncias, embora distintas e longínquas entre si, desaparece na visão profética, pelo que os dois factos se aproximam e sobrepõem-se. É como se o espaço tridimensional fosse representado numa área bidimensional,

onde, corpos de três dimensões, distantes uns dos outros, aparecessem só com duas dimensões, sobrepostos num mesmo plano — como acontece na fotografia. Esta sobreposição dos dois tempos distintos, pela qual, um deles se confunde com o outro, indica que entre os dois existe uma identidade de situações, embora em escala diversa.

Portanto o julgamento de Jerusalém veio a ser uma antecipação reduzida do julgamento do mundo, e este uma reprodução de proporções universais daquele.

Eis, porque no sermão profético de Jesus falta uma nítida distinção entre os dois acontecimentos. Os factos funestos e as condições da natureza que então pre-anunciaram a aproximação dos Juízos divinos contra um povo rejeitado, repetir-se-ão, mas numa escala mundial, qual preságio dos juízos divinos contra uma geração perversa e impenitente.

A história, em suma, repetir-se-á, com a diferença de que no lugar de Jerusalém estarão todas as cidades dos homens, e no lugar da nação hebraica estarão todos os povos da terra; também se repetirão os sinais premonitórios, mas a sua amplitude e a sua duração serão muito maiores.

A profecia pronunciada por Jesus Cristo, três dias antes do seu martírio, reúne, portanto, duas épocas: a dos primeiros e a dos últimos triunfos do Evangelho.

E, finalmente, convém não esquecer, que a última época, é, precisamente, a nossa.

«Irmãos! Peço-vos que vos comporteis dignamente, tendo em vista a glória de Deus. Confiai no Seu poder e que a Sua graça seja a vossa força.

Pelo estudo da Sagrada Escritura e pela oração fervorosa, esforçai-vos por obter um conceito claro do vosso dever, e depois, cumpri-o, fielmente.

É essencial que sejais fiéis, nas coisas pequenas. Será assim que podereis contrair hábitos de integridade nas grandes ocasiões.» — (Testemunhos, vol. I, pág. 670).

ENTREVISTAS PRÉ-NUPCIAIS

CLIFFORD A. REEVES

Quando dois tímidos jovens se aproximam do pastor, pedindo-lhe que officie na cerimônia nupcial, oferecem ao ministro a oportunidade de os aconselhar a que conheçam todas as diferenças que existem entre o matrimônio feliz e o infeliz.

Alguns pastores estabeleceram a regra de não casar nenhuns jovens sem terem tido com eles, previamente, uma entrevista para tratarem das condições básicas de um lar cristão feliz. Os jovens desejam fervorosamente auxílio e orientação com o objectivo de que o seu casamento tenha bom êxito e respondem com sinceridade, desde que saibam que o ministro é capaz, compreensivo, e que está realmente interessado em os auxiliar, sem divulgar as suas confidências.

Presentemente, quando os divórcios e os lares fracassados são coisa comum, quando milhares de casamentos aparentemente firmes, cambaleiam e só permanecem de pé pela pressão social e económica ou por crença religiosa, é dever do pastor preparar-se convenientemente por meio da leitura e do estudo, para auxiliar cabalmente a juventude neste assunto tão delicado.

Aconselhar e ajudar a juventude na sua preparação para um casamento cristão, deve ser uma parte absolutamente indispensável da obra pastoral.

Todo o par conjugal, ao compreender antecipadamente o profundo significado da vida matrimonial, deseja que a sua união seja bela e fecunda. Estão interessados em saber quais são as suas probabilidades de êxito no matrimônio, quando há tantos lares infelizes e fracassados. Quando os jovens pedem ao pastor que realize a cerimônia, ou chegam a conversar sobre os planos de núpcias, pode sugerir-lhes discretamente que está interessado e habilitado a fornecer-lhes alguns conselhos. É claro que o valor e o resultado de tais processos dependem, naturalmente, da participação voluntária dos jovens que vão contrair o

enlace. No seu livro intitulado *Pastoral Counseling* diz Carroll A. Wise:

«Nesta entrevista o pastor torna-se emocionalmente acessível ao par. Tratará de formar uma amizade que proporcione confiança e liberdade para expor qualquer problema, se é que desejam fazê-lo. Ele, porém, há-de considerá-los tais como se vêem a si mesmos. O ministro não deve perguntar nem sermonear. Se o ministro pertence à sua igreja, deverá já ter contraído amizade com eles, mediante contactos pessoais. Se o par lhe for desconhecido, será oportuno que lhes diga que se sentirá feliz em conversar com eles acerca da adaptação conjugal, se eles assim o desejarem.»

Quando se estabelecer essa relação amistosa, o pastor pode convidá-los para conversarem com ele, precisamente por terem grande necessidade de conselho e de orientação. Haverá assim oportunidade de apresentar, com prudência, os problemas que provavelmente os jovens hesitam em expor.

São vários os critérios dos ministros acerca do que se deveria dizer sobre os mais íntimos aspectos físicos do matrimônio. Pela minha parte, penso que o melhor processo consiste em encaminhar os jovens a um médico cristão, e de preferência, casado e com filhos. Tal médico estará apto para dar todos os conselhos necessários, no que diz respeito à preparação e adaptação física para o casamento.

Em geral aconselho os dois noivos a que efectuem um exame físico geral juntamente com o pré-nupcial, de sangue, exigido em vários países. Se cada pastor pudesse fazer os arranjos necessários com um médico capacitado que tenha desejo de colaborar com este plano e mediante honorários razoáveis, — muito se poderia fazer

para auxiliar os futuros recém-casados.

Prefiro ter duas entrevistas com os noivos, antes da cerimônia nupcial.

A primeira pode realizar-se, pelo menos, um mês antes do casamento, e a segunda, umas semanas depois da primeira.

Uma vez que o par sente confiança em falar do que mais lhe interessa, animo-os a interromperem a conversação, em qualquer ponto, para fazerem as perguntas que desejarem. No final da primeira entrevista, depois de terminada a oração, entrego a cada um deles um bom livro acerca do matrimônio, e insto com eles para que ambos o leiam, antes da entrevista seguinte. Alguns dos livros que servem a este propósito são:

O Lar e a Saúde, de Ellen G. White.

Segredos de um lar feliz, da Dr.^a Belle Wood-Comstok.

O Segredo da Felicidade Conjugal, do Dr. Harold Shryock.

Na segunda entrevista menciono alguns dos assuntos tratados no livro que lhes emprestei, abrindo-se, assim o caminho para que façam as perguntas que possam haver surgido da leitura dos livros.

Entrevista Sugestiva

O que a seguir se sugere é uma conversação típica, que abranja assuntos que possam tratar-se com proveito numa entrevista com os futuros esposos.

Por certo, podem surgir variadíssimos problemas, que se animarão a apresentar no decorrer da conversa. Pode introduzir-se a conversa, depois de um momento de oração, em que se instará com o noivo e com a noiva para participarem juntamente com o pastor, das palavras registadas em S. Mateus 19:4 e 5 «Não tendes lido que Aquele que os fez no princípio, macho e fêmea os fez e disse: Portanto deixará o homem o pai

e a mãe, e se unirá à sua mulher, e serão dois numa só carne?»

A maior felicidade conhecida sobre a Terra encontra-se através do matrimónio cristão. Essa felicidade, porém, não vem por acaso. Chega àqueles, que desde o próprio dia das suas bodas tomam a resolução de ter êxito e de fazerem da edificação de um lar cristão, a sua ocupação primordial na vida em comum.

Rodeados dos bons desejos dos vossos amigos, os primeiros quilómetros da vossa viagem juntos, serão fascinantes. Mas em breve a lua de mel submergirá no mar inquieto da vida. A cena de «raios de lua e de rosas» transformar-se-á noutra de «raios de sol e de pratos para lavar». Defrontareis, então, as rudes realidades da vida.

O casal feliz, que é o casamento que Deus deseja, não é qualquer coisa que vos advenha por acaso ou acidentalmente. Pelo contrário, é um prémio excepcionalmente precioso que deve ser alcançado com o auxílio de Deus, por meio de uma vida inteligente, desinteressada e de oração — vida um para o outro.

Disse-se com acerto que quando um homem e uma mulher se unem no santo matrimónio, a sua união pode efectuar-se em um, em dois ou em três planos diferentes de vida: o físico, o físico e intelectual, e o físico, intelectual e moral. O plano de Deus é que o vosso casamento, para a vossa felicidade mais completa, tenha como resultado a união nesses três planos.

Quando o verdadeiro amor vos possui, é ele tão belo e profundo que se aproveita de tudo quanto sois e de toda a vossa vida para expressar o seu pleno significado. O amor verdadeiro santifica e ajuda a controlar o impulso sexual. Devemos lembrarmo-nos sempre de que Deus criou os sexos, e de que tudo quanto criou para nós, é puro e edificante, sagrado e belo, quando for compreendido e empregado correctamente. É certo que o sexo pode ser degradado, mas tal coisa não deve acontecer. E se fordes para o casamento sem a compreensão adequada da ver-

dade divina do sexo, não estais plenamente capacitados para dar esse passo.

Um escritor cristão declarou que o sexo tem três propósitos para preencher a vida, a saber: o primeiro é assegurar a perpetuação da raça humana; o segundo é proporcionar prazer aos esposos nas suas manifestações mútuas de amor; o terceiro, é conseguir a identificação de ambos.

Essa união, no plano físico apenas, não é, porém, suficiente para proporcionar o ideal de felicidade ao casal. Os vossos interesses mútuos devem abranger, naturalmente, o trabalho do esposo, o cuidado do lar, o desenvolvimento intelectual, a música, os entretenimentos, os amigos e muitos outros aspectos. Aos interesses desta espécie é que me refiro, quando falo da união no plano intelectual, social e cultural. Em geral é certo que quando os esposos têm muitos interesses e amizades em comum, se vêem ligados mais fortemente e acham que a vida se lhes torna mais interessante.

Ao passo que a esposa se dedica a atender os serviços domésticos, também deve, contudo, ampliar os seus horizontes, a fim de estar apta para abordar inteligentemente diversos assuntos. A esposa precisa de bom senso, de incentivo generoso de ambição, da capacidade de compreender o trabalho do esposo. A maioria dos homens não reconhecem o papel importante que a sua esposa desempenha na formação do seu próprio futuro. Alguns patrões não empregam uma pessoa, sem primeiro saberem se a sua esposa será um elemento de êxito.

Um comerciante de êxito disse recentemente: «Detrás de cada homem de êxito existe uma mulher que sabe com precisão, em que ponto ele necessita de ser impedido e quando deseja ser animado. Deve ela animá-lo quando está deprimido e manejar as rédeas quando dá sinais de estar desencaminhado, seguindo coisas sem valor. Deve estar interessada na carreira do esposo, compreendendo que é a sua própria carreira, e que

ela pode levá-la ao êxito ou arruiná-la».

Lembrai-vos, sobretudo, de que o vosso casamento não poderá alcançar a felicidade completa se excluirdes Deus. O matrimónio é uma instituição divina. Por isso inclui a Deus no lar, que estais para estabelecer. Lede juntos a Palavra de Deus, e orai juntos, todos os dias. É uma verdade inegável que: «a família que ora unida, permanece unida».

Nunca me chegou ao conhecimento que um casal que orasse regularmente junto, houvesse pedido divórcio. Portanto, fazei com que o vosso vínculo de união mais profundo esteja na região íntima da alma, em que se encontram a consciência e os verdadeiros ideais. Desse modo, a divina mão protectora conduzir-vos-á e, por meio do Seu amor eterno, o amor que sentis um pelo outro será fortalecido e firmado para sempre.

O matrimónio é a mais estreita e íntima das relações humanas, e por isso existe um processo durante o qual o homem e a mulher aprendem a viver em companhia e se ajusta mutuamente. Devido a não haver duas pessoas iguais, pode esperar-se que, quando dois indivíduos procedentes de lares diferentes e de temperamentos e gostos diferentes se enamoram, e posteriormente se casam, surjam divergências e se devam fazer adaptações. Tendo isto em conta, é perfeitamente normal que os esposos tenham por vezes opiniões radicalmente opostas. Às vezes, esses conflitos, na realidade aliviarão a tensão, e o matrimónio ver-se-á fortalecido por essas diferenças, desde que seja dirigido adequadamente. Deve lembrar-se sempre de que existe uma diferença entre os desacordos construtivos e os destrutivos. Nem sempre estareis de acordo, e por isso, será bom que aprendais a discordar, a dissentir com amor.

(Continua no próximo número)

A Igreja ao Estudo

Pensámos que este artigo do Presidente da Conferência Geral seria de todo o interesse para nosos directores, monitores e membros da Escola Sabatina. Ele fala sobre a importância das classes da Escola Sabatina e mostra como elas são uma coluna forte na igreja de hoje.

Por muitos anos se fez referência à Escola Sabatina como «a igreja ao estudo». Sempre se deram muitos conselhos sobre a necessidade de o nosso povo chegar a ser bem instruído nas Sagradas Escrituras. E a Escola Sabatina é o órgão designado a prover um estudo metódico, sistemático e continuado da Bíblia.

«Os alunos da escola Sabatina devem ser diligentes, cavar fundo e buscar com o máximo cuidado as preciosas gemas da verdade contidas nas lições semanais». *Conselhos sobre a Escola Sabatina*, pág. 22.

«O mundo está cheio de toda a espécie de erros, tendentes a desviar-nos e é essencial que tanto alunos como professores se certifiquem de que sabem o que é a verdade.

...Ministros e povo, professores e alunos, todos são chamados para a obra do estudo da Bíblia». — *Id.*, págs. 27 e 28.

Desde o seu início a organização da Escola Sabatina caracterizou-se pelo plano de agrupar os alunos em classes a fim de haver participação directa deles no estudo da lição. Muitos dos conselhos da Sr.^a White com relação à obra da Escola Sabatina, se centralizam na ideia de classes, lições, professores e alunos. Página por página, o livro da Irmã White, *Conselhos sobre a Escola Sabatina*, refere-se aos professores e às classes. Tem-se por assente a ideia do plural de professores e classes em conselhos amiúde repetidos, como os seguintes:

«Depois dos professores da escola sabatina terem ensinado as li-

RUBEN R. FIGHUR

Presidente da Conferência Geral

ções... apenas iniciaram o seu trabalho». — *Id.*, pág. 37.

«Aqueles cujo dever é escolher professores, devem ser prudentes, não insistindo em que entrem para a escola os que não sejam aptos a exercer boa influência». — *Id.*, pág. 91.

«Todo o professor da escola sabatina deve ser um seguidor de Cristo». — *Id.*, pág. 93.

«Tanto professores como alunos devem estar atentos à importância de manifestar diligência e perseverança no estudo da Palavra de Deus». — *Id.*, pág. 94.

«O Senhor tomou amplas providências para que, Sábado após Sábado, os professores aumentem a sua capacidade». — *Id.*, pág. 104.

«Todo o professor, antes de assumir a direcção da sua classe, deve ter distintamente delineados na mente planos». — *Id.*, pág. 118.

«Professores, uni-vos com as vossas classes. Orai com elas e ensinai-as a orar». *Id.*, pág. 118.

«Os oficiais e professores da escola sabatina necessitam da guia e instrução do Espírito Santo». — *Id.*, pág. 160.

Ao reunirem-se grandes congregações como por ocasião de assembleias, congressos e outras concentrações, a prática generalizada tem sido realizar uma Escola Sabatina em conjunto, sem divisão de classes. Isto, porém, é uma excepção através dos anos diante de um costume de igrejas locais. Interessante é notar que nos primeiros tempos da nossa organização temos pelo menos o registo de um congresso onde se seguiu o plano de divisão de classes.

A irmã White, descrevendo a Escola Sabatina do congresso realizado em Marshalltown, Iowa, no dia 16 de Agosto de 1884, declarou: «No Sábado de manhã, reuniu-se um grande grupo para a escola sabatina. Arranjaram-se

logo classes;... foram designados professores... Todos se achavam ocupados como abelhas, e por toda a parte, tanto na tenda como fora, ouvia-se o zum-zum de vozes. A escola foi bem dirigida e em boa ordem, e para mim os trabalhos foram muito interessantes». — *Id.*, págs. 181 e 182.

Em algumas igrejas grandes, com assistência regorgitante, desenvolveu-se nos últimos anos o pensamento que, devido a esta condição e ao congestionamento do povo, se deveria abandonar o plano de classes, e que a lição se passasse de modo geral no estrado da frente. Alegro-me em poder dizer que este desvio da praxe histórica se limita a poucas escolas sabatinas em centros aglomerados. Minha sincera esperança é que mesmo nestes grandes centros, isto seja apenas um expediente temporário, e que tão depressa se tomem as devidas providências, voltem ao plano aprovado de classes separadas.

Há numerosas vantagens no plano de organizar classes na Escola Sabatina, que se tornariam fracas ou se perderiam totalmente se a lição fosse em conjunto, passada no estrado da frente. Mencionaremos algumas: lealdade à classe, responsabilidade individual, incentivo para um estudo aprofundado da lição, alcance da participação do aluno, contacto do professor no trato directo e individual com cada membro da classe, e a possibilidade de visitar os membros das classes em seus lares.

No seu modo de ver, as chamadas vantagens do plano de um só professor, ficam muito longe de o serem. Nos poucos lugares em que pude observar a aplicação deste sistema, observou-se acentuado declínio da responsabilidade pessoal. O indivíduo perde-se entre a multidão. Se está presente, dificilmente é notado. Se está ausente, o mesmo se dá. Se preparou bem a lição, provavelmente não terá oportunidade de contribuir para o estudo. Se não a estudou, ninguém notará a diferença. Há tentação de afrouxar a experiência pessoal e até de

(Continua na página 12)

A IMPORTÂNCIA DAS CAMPANHAS

A Igreja Adventista acredita, firmemente, nos Departamentos da sua organização. Foi Deus quem nos guiou na sua formação. A estes mesmos Departamentos devemos muito do nosso progresso que o nosso Movimento tem registado. Embora tenha havido quem pensasse em estabelecer uma linha divisória entre as funções da administração e as departamentais, a verdade é que os departamentos não podem ser separados das funções administrativas.

Uma grande necessidade

Há grande necessidade de coordenar, devidamente, todas as nossas actividades de forma que o seu potencial real coopere com o nosso alvo final. Parece às vezes que há a tendência de cada departamento funcionar, *não como parte de um grande todo*, mas como *o todo*.

Ora, é absolutamente necessário que todos os esforços se reunam harmonicamente, adentro do todo para a realização da grande obra missionária que tem como objectivo espalhar a mensagem, levando-a ao conhecimento de todos os povos e apressando, assim, a vinda gloriosa do Senhor Jesus.

Somos um povo de actividade intensa. É a grande característica da nossa Igreja, bem sintetizada no princípio orientador: «A Igreja ao Trabalho».

Mas a actividade requer campanha, e a campanha também requer o respectivo material para a sua sobrevivência.

Acautelemo-nos, porém, supondo que a actividade represente tudo quanto há a fazer.

«Na opinião dos rabinos, o mais alto grau da religião mostrava-se por contínua e ruidosa actividade. Dependiam de alguma prática exterior para mostrar a sua superior piedade. Separavam assim a sua alma de Deus, apoiando-se em

presunção. O mesmo perigo ainda existe hoje. À medida que aumenta a actividade, e os homens são *bem sucedidos* em realizar alguma obra para Deus, há risco de confiar em planos e métodos humanos. Vem a tendência de *orar menos* e de *ter menos fé*. Como os discípulos arriscamo-nos a perder de vista a nossa dependência de Deus, e a procurar fazer da nossa actividade *um salvador*. (*O Desejado de todas as Nações*, pág. 268).

Vamos iniciar outra Campanha das Missões. É mais uma oportunidade que o Senhor nos concede para trabalhar na difusão da Mensagem. A página impressa vai levar as boas novas de salvação e de perdão a milhares de almas que se encontram famintas da Palavra Divina.

Podem parecer que se perde muita literatura, muito trabalho, muito cansaço. Puro engano! Haverá muitas e muitas almas que por este meio chegarão ao conhecimento da verdade.

É a experiência de todos os anos, que o confirma.

Não sabemos nós de tantos e tantos casos de almas que assim vieram ao conhecimento desta maravilhosa luz?

Demos graças a Deus pelo alto privilégio que concedeu à Sua Igreja de efectuar mais uma Campanha das Missões.

«O poder de Deus aguarda que o peçam e o recebam. Esta prometida bênção reclamada pela fé, traz após si, todas as outras bênçãos». (*O Desejado de todas as Nações*, pág. 502).

Deus está sempre disposto a conceder-nos e, largamente, as Suas mais escolhidas graças; mas temos de cooperar, temos de abrir caminho, não nos sendo dado ficar ociosos. O trabalho na vinha do Senhor espera-nos e a qualquer hora, do dia, desde a primeira à última hora.

«Não é por qualquer restrição da parte de Deus que as riquezas

da Sua graça não fluem para a Terra, a favor dos homens. Se o cumprimento da promessa não é visto como poderia ser, é porque não é apreciada, como devia ser. Se todos estivessem dispostos, todos seriam cheios do Espírito Santo. Onde quer que a necessidade do Espírito Santo seja um assunto de que pouco se pensa, aí se verá segura espiritual e espirituais declínio e morte. Quando os assuntos de menor importância ocuparem a atenção, o divino poder necessário para o crescimento e prosperidade da igreja, está faltando, embora seja oferecido em infinita plenitude.

Uma vez que é este o meio pelo qual havemos de receber poder, por que não sentimos fome e sede pelo dom do Espírito? Por que não falamos acerca dele, não oramos por ele e não pregamos a seu respeito?» — (*Actos dos Apóstolos*, pág. 50).

«Se existisse na nossa Obra um ramo mais importante que outro, tal seria o de apresentar a nossa literatura ao público, levando assim o povo a examinar as Sagradas Escrituras.» (*O Colportor Evangelista*, pág. 83).

Ainda este ano Deus nos concede o grande privilégio de tomarmos parte na presente Campanha das Missões, que se destina, precisamente, a levar a toda a parte o anúncio da Mensagem dos últimos Tempos.

«As revistas e os livros são o meio de que o Senhor se serve para manter a mensagem para este tempo, continuamente, perante o povo. Esclarecendo e confirmando as almas na verdade, as publicações farão uma obra incomparavelmente maior do que a que pode ser feita por um ministro através da palavra unicamente. O silencioso mensageiro introduzido nos lares do povo, por meio da obra do colportor, avigorará o ministério evangélico por todos os modos, porque, quando os livros são lidos,

o Espírito Santo impressiona as mentes, da mesma maneira como impressiona as daqueles que escutam a pregação da palavra. Assim como os anjos assistem a obra do ministro, também auxiliarão a que se faz por meio dos livros que contêm a verdade.» (*Testemunhos*, vol. 6, págs. 315, 316).

Irmãos! É tempo de apreciarmos, devidamente, o valor da Campanha das Missões. Representa a colocação de muitos milhares de Revistas que são tantos outros arautos da Mensagem do Terceiro Anjo.

Mas é necessário que todos trabalhemos, na medida das nossas capacidades e das nossas possibilidades.

Poderemos, pelo menos, colocar a Revista entre as pessoas com as quais convivemos, com as quais tratamos, diariamente: o nosso pai, o merceeiro, a loja do «lugar», os fornecedores habituais — todos eles se sentirão no dever de adquirir uma das nossas Revistas e é muito natural, que pelo menos, por simples curiosidade, a queiram ler.

E, quem sabe, talvez venha a produzir algum fruto, sem mesmo nós darmos por isso!...

Mãos à obra, pois, prezados Irmãos!

Vamos iniciar a Campanha das Missões!

Que todos nos sintamos animados do espírito dos pioneiros, desse mesmo espírito dos apóstolos, desse mesmo espírito que nos convence de que «a verdade não se pode ocultar agora; devem fazer-se declarações positivas. A verdade deve ser dita sem reboços, em folhas soltas e folhetos e esses, espalhados como folhas do Outono.» (*Testemunhos*, vol. 9, pág. 231).

Que o Senhor abençoe os bons propósitos da Sua igreja, de modo que a Campanha das Missões de 1959 alcance, plenamente, os alvos que se propõe com a graça de Deus.

CAIXA DE PERGUNTAS

Continuação da resposta à objecção apresentada no número de Fevereiro último.

O próprio apóstolo João também não entendia, muito exactamente, as profecias que ele mesmo escrevera no Apocalipse, inspirado pelo Espírito Santo. Contudo declarou, por inspiração: «Bemaventurado aquele que lê, e os que ouvem as palavras desta profecia.» (Apocalipse 1:3).

Assim, ao mesmo tempo, que podemos admitir que nem todos os apóstolos receberam igual medida do conhecimento, relativamente, aos planos futuros de Deus, não há razão para concluir que nada se possa saber acerca do segundo advento de Jesus.

Por este raciocínio poderiam os Judeus ter concluído, com propriedade, que também nada se poderia saber acerca do primeiro advento. Nós, voltando os olhos para o seu tempo, admiramo-nos de que eles não tivessem todos estado prontos para acolher Jesus, como Messias, tão claras eram as profecias relativamente à maneira e ao tempo do Seu advento. Houve, então, alguns que estudaram as profecias, e ao aproximar-se o tempo, Deus graciosamente lhes revelou, mais plenamente, o significado das mesmas. Se nós, hoje, examinarmos as profecias, em vez de escarnecermos delas, não será, também, possível que Deus nos revele, mais plenamente o seu significado? E, assim, poderemos saber algo de positivo, acerca do segundo advento.

É certo que não há nenhum homem que possa dizer se Jesus virá amanhã, ou daqui a mil anos. A profecia, porém, pode dizer e diz.

Já estudámos, devidamente, essas profecias? Temos obedecido à ordem do próprio Jesus, de lermos e entendermos as profecias de Daniel? (S. Mateus, 24:15). Já estudámos, atentamente, a profecia do mesmo Jesus acerca da Sua volta? (S. Mateus 24 e S. Lucas 21). Seremos nós um dos que pode reclamar a bênção porque

lemos com fervor e oração, o Apocalipse? (Apocalipse 1:3).

Pois então, antes de afirmarmos que não podemos saber nada acerca da Segunda Volta de Jesus, porque não seguimos as recomendações de Jesus para estudarmos atentamente as profecias a tal respeito?

Vendo que a Bíblia revela tão claramente que Deus, em todas as épocas passadas sempre revelou aos homens a aproximação de algum grande acontecimento, evidentemente que também fez o mesmo com relação ao máximo acontecimento que deve suceder na história da humanidade, que é o Segundo Advento de Jesus. (Leia-se Amós 3:7).

Para terminar, ainda duas palavras sobre a afirmação de que «através de todos os séculos têm os Cristãos, debalde, aguardado a vinda de Jesus».

Como se sabe, durante muitos e longos séculos, a leitura da Bíblia era quase inacessível; as trevas medievais tanto lhe obscureceram a verdade, que foi necessária a Reforma para restaurar até a rudimentar doutrina da salvação pela fé.

Será lógico o raciocínio de que, devido àquelas ideias alteradas sobre a salvação, nada se poderá saber acerca desta importantíssima verdade?

É claro que não. Qualquer pessoa poderá responder: «Não temos de andar em trevas, pelo facto de nelas haverem andado os homens do século passado. Nós mesmos podemos estudar, hoje, a Bíblia e saber qual é a verdade a tal respeito».

Portanto, podemos e devemos assumir a mesma atitude relativamente ao assunto do Segundo Advento.

Estudemos, pois, com oração e diligência as profecias que dizem respeito à Volta gloriosa do Senhor Jesus.

Veremos que o assunto é claro e que o Senhor Jesus está às portas.

NOTÍCIAS DO CAMPO

Porto

Sábado, 21 de Março de 1959. Foi nesta data que recebi oficialmente, através dos officios do Presidente da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia, Pastor Armando Casaca, o encargo de dirigir a Igreja da cidade do Porto e grupos circunvizinhos. Aproveitando o ensejo destas linhas, desejo muito sinceramente, agradecer aos estimados Irmãos, Pastor A. Casaca, Pastor P. B. Ribeiro e Pastor J. Abella, o ambiente favorável que se dignaram preparar-me nesta Igreja, para que, ao chegar, me sentisse encorajado a prosseguir a obra que meus antecessores tão carinhosamente sustentaram e fizeram progredir.

Os meus agradecimentos também, a todos os irmãos desta «mui nobre e leal» Igreja, que, de uma forma tão simpática, afável e cristã me receberam.

Desejo também, incluir nestas linhas de agradecimentos, os meus mais profundos sentimentos de gratidão a todos os irmãos e amigos da Igreja das Caldas da Rainha, incluindo todos os grupos que a compõem, pela colaboração e simpatia desinteressadas, que sempre caracterizaram as nossas relações, quer na Igreja, ou fora dela.

Que Deus a todos unja com o Seu Santo Espírito, a fim de que nos preparemos cada vez mais e melhor, para um feliz encontro com Ele nos Céus.

A pedido do Irmão Presidente da União, darei nestas linhas algumas breves notícias da maneira como decorreu a Semana de Oração da Juventude, nesta Igreja.

Sábado, 7 de Março — Início da mesma. Por volta das 11 horas e 30 subia ao estrado, o Presidente da União Portuguesa, Pastor Armando Casaca, acompanhado dos irmãos Pastor José Abella, que por feliz acaso estava também entre nós neste dia, Samuel Ribeiro, Presidente da Sociedade de Jovens desta Igreja e o signatário destas linhas.

Tomou a palavra, o nosso hóspede de honra, que dirigiu uma vibrante mensagem a todos os jovens e irmãos presentes, após o que, alguns dentre eles, profundamente impressionados, dirigiram sentidas e comoventes preces a Deus. Ficavam assim abertas, com chave de ouro, as actividades espirituais desta semana, que se tornou verdadeiramente abençoada para todos.

Domingo, 8 de Março — Foi ainda o Irmão Pastor A. Casaca, quem presidiu aos trabalhos, tendo dirigido um eloquente apelo a todos os jovens que atentamente o escutavam. Todos lamentámos que este nosso Irmão não pudesse continuar entre nós mais alguns dias desta semana, pois certamente a sua presença muito contribuiria para melhores resultados finais. Daqui, vão os agradecimentos dos jovens do Porto, para o Irmão Pastor A. Casaca, pela nota profundamente espiritual que nos deixou no início desta tão abençoada semana, cujos efeitos foram bem visíveis até ao fim da mesma.

Segunda feira, 9 de Março — Tomou a palavra nesta reunião o estimado jovem e irmão Hermínio Monteiro, que desenvolveu o tema indicado na comunicação, com uma tal clareza de expressões e pensamentos, que contribuiu de uma forma decisiva para a boa compreensão de todos.

Terça feira, 10 de Março — Coube desta vez ao irmão Samuel Ribeiro, Director dos jovens do Porto, dirigir a mensagem indicada. Tirando partido de sua verbosidade e de seu entusiasmo sempre crescentes, ele soube levar aos corações presentes, o verdadeiro sentido que a mensagem encerrava, pelo que esta reunião foi muito abençoada para todos. Que Deus seja louvado!

Quarta feira, 11 de Março — A comunicação e o apelo desta noite, chegaram-nos da boca e do coração do jovem e irmão José Monteiro. Aproximávamo-nos do fim desta abençoada semana. Mensagem, após mensagem, chegava ao nosso coração. Apelo, após apelo, despertava o nosso espírito e nesta noite ecoou nas nossas almas um vibrante chamado para uma mais leal e perfeita consagração de nossas vidas a Deus. Obrigado ao nosso Irmão.

Quinta feira, 12 de Março — Como resolver o nosso maior problema? Este foi o tema que me foi dado versar com a ajuda do Senhor. Tal como em todas as noites anteriores, os nossos jovens usaram o privilégio da oração, expondo desta vez ao Senhor os problemas que mais os preocupavam, rogando-Lhe a mais justa e digna solução. Que Deus a todos ajude!

Sexta feira, 13 de Março — Foram dois, os oradores desta noite. O jovem António Tomaz e o jovem José de Magalhães, ambos

membros activos desta Igreja. Através de suas palavras e pensamentos melancólicos, sentimos que a «capa de Elias» caía sobre nós e foram muitos os jovens, que, rogaram a Deus, que sobre as suas costas a mantivesse, até ao dia de entrarem na terra prometida. Que assim seja!

Sábado, 14 de Março — Culto de Consagração. Entendeu a Direcção dos jovens que fosse eu a dirigi-la. Agradeço a Deus e à Direcção da Sociedade, muito especialmente ao seu presidente, irmão Samuel Ribeiro, pelo privilégio que me foi dado.

Será difícil esquecermos a profunda manifestação de fé que nos foi dado contemplar. No fim da mensagem, chegaram aos nossos corações, como uma manifestação transbordante da graça divina, os seus apelos, que, agitando as nossas almas, nos tornou mais conscientes do nosso verdadeiro estado espiritual. Foi assim, que um valoroso grupo de jovens, rapazes e meninas, enguendo-se de seus lugares se aproximaram do altar do Senhor, rogando-Lhe a validade de seus documentos espirituais para essa tão desejada viagem interplanetária para os céus, em que desejam muito seriamente tomar parte. Entre eles, contava-se uma dezena e meia de jovens que, tendo aceitado as condições para adquirir o indispensável «passaporte» — o perdão dos pecados, a fé e uma vida de santidade — agora, junto do Trono da Graça, rogavam ao Senhor o «visto» para esse «passaporte» — O BAPTISMO — a fim de poderem tomar parte também nessa tão desejada viagem interplanetária, através dos espaços infinitos, na direcção da Pátria Celeste.

Estes foram momentos de profunda e feliz emoção para todos. Os pais presentes, uniram-se aos seus filhos; aqueles, cujos filhos estavam ausentes, pensavam melancolicamente preces humedecidas com as lágrimas do seu amor; todos unidos, orámos ao Senhor e com que fervor todos o fizeram! Oh! Que o Senhor tivesse ouvido e aceitado as preces dos seus filhinhos!

Pelo Presidente da Sociedade de Jovens, foram anotados os nomes de todos quantos, nesta hora, solenemente requisitaram o seu «visto» espiritual — o baptismo. Oxalá chegue breve esse dia para todos, não só para estes a quem se referem estas linhas, como tam-

bém para todos aqueles que, lendo-as, ainda o não fizeram.

No Sábado, à noite e isto, creio que pela primeira vez nesta Igreja, após uma Semana de Oração da Juventude, o irmão Samuel Ribeiro apresentou um belo programa festivo, em que tomaram parte quase a totalidade dos jovens que constituem esta Sociedade. O quarteto, dirigido pelo jovem irmão Samuel Ribeiro, desempenhou, nesta reunião, como aliás em todas as outras da semana, um papel muito relevante. Não desejo esquecer a actuação sempre simpática e harmoniosa do côro, que, dirigido pelo irmão Alves, Secretário desta Igreja, muito contribuiu também para o brilho destas reuniões. Estão de parabéns os Irmãos que, com tanto desvelo têm procurado animar os seus grupos corais e esperamos que em tudo, os seus elementos saibam corresponder-lhes.

No Domingo, 15 de Março, pela manhã, sob a orientação do seu incansável Director, os jovens acompanhados de muitos irmãos e amigos, dirigiram-se para um afortunado lugar, chamado Monte da Virgem, onde passámos o dia muito agradavelmente, num espírito de jovialidade, de respeito e cortesia mútuos. E assim terminou esta semana especial da Juventude, que, esperamos, fique por muito tempo gravada no nosso espírito.

Vosso conservo em Cristo,

Vitor Martinez

Igreja de Lisboa

Pela graça de Deus mais uma vez pudemos usufruir as bênçãos de uma semana de oração e sentirmo-nos mais perto do nosso Salvador.

Esta semana foi uma ocasião muito especial para nós, jovens da igreja de Lisboa; além das bênçãos recebidas por cada um de nós, tivemos a grande alegria de ver no nosso meio muitos jovens que há muito se encontravam afastados e muitos outros que pela primeira vez assistiam às nossas reuniões.

Uns dias antes desta semana pudemos apreciar o espírito de boa vontade e cooperação dos nossos jovens. Na tarde do Sábado anterior a esta semana especial reuniram-se todos e cada um pôde escolher da lista previamente preparada o nome do jovem a quem desejava escrever uma carta animando-o a vir assistir às nossas reuniões. Foram escritas nesse dia 30 cartas e durante toda a semana foram feitos muitos convites pessoais. Graças a Deus

pudemos constatar com alegria que os apelos feitos foram em grande parte respondidos.

Durante a semana tivemos ensejo de nos aproximar de alguns desses jovens e encorajá-los a serem mais assíduos às nossas reuniões.

Tivemos durante esta semana o grande prazer de ter conosco os nossos irmãos M. Fridlin, P. Steiner, e B. J. Kohler que vieram dar mais vivacidade às nossas reuniões e inculcaram no espírito dos nossos jovens o desejo de manter através da oração uma comunhão mais íntima com nosso Pai Celestial.

Além dos oradores já mencionados, dirigiram-nos também os irmãos A. Casaca, P. Ribeiro, J. Graça e L. Beato. O nome do Senhor foi louvado durante as nossas reuniões através da música. Assim, além de algumas peças ao piano e ao órgão, pudemos ouvir dois solos pelo Irmão Dietrich, dois solos de violino pela Irmã Teodora Zurcher e belos hinos pelo coro dirigido pelo jovem Eduardo Graça.

De todas as reuniões não podemos deixar de salientar a de sexta-feira e o culto de consagração de Sábado. Na sexta-feira quase todos os jovens se levantaram dando o seu testemunho, desejando mostrar como se sentem felizes por andarem no caminho que conduz à salvação. No Sábado, a última reunião desta tão abençoada semana, o Irmão Fridlin dirigiu no final do culto um fervoroso apelo àqueles que não pertencem ainda ao povo de Deus e que desejariam entregar o seu coração a Jesus e orou-se por estes jovens bem como pelos que desejavam reconsagrar-se ao Senhor. Foi grande a nossa alegria ao notar-se que muitos jovens responderam a esse apelo. O mesmo irmão exortou os que se sentiam fracos a aproximarem-se de Deus e também em seu favor foram dirigidas algumas preces ao trono de graça.

Os nossos jovens mais pequenos também tiveram a sua semana de oração com reuniões especiais nas quais o Espírito do Senhor Se manifestou grandemente. Quase todos oraram durante a semana em resposta aos fervorosos apelos que lhes foram dirigidos. As mensagens dos juniores, adaptadas à sua mente juvenil, mas cheias de grandes lições para a sua vida presente e futura foram entusiásticas e avidamente escutadas por eles. No Sábado, no culto de consagração feito pelo Irmão F. Dietrich um grande número escreveu os seus nomes na «Lista de Deus», demonstrando assim que amavam

a Jesus e que desejam pela vida fora manter-se fieis a Jesus e consagrarem-Lhe as suas vidas.

No Sábado à noite tivemos uma pequenina festa onde foi apresentada uma peça sobre a oração focando diversos aspectos da mesma como a fé na oração, perseverança na oração, esperança na oração e a oração respondida e algumas poesias e músicas. A juventude organizou depois um passeio de confraternização no qual todos os jovens tomaram parte com grande entusiasmo.

Esperamos que o bom espírito manifestado nesta semana possa perdurar em nossos jovens e pedimos ao Senhor que Se digne abençoar os resultados da mesma.

Pela direcção dos M. V. de Lisboa

a Secretária
Edith Azevedo

Igreja de Lisboa—Escola Sabatina

Nunca perfilhamos a ideia de que os milagres sejam possíveis enquanto não forem esgotados os recursos humanos. E é justamente por isso mesmo que entendemos dever sempre aconselhar o emprego de todos os esforços ao nosso alcance para alcançar o objectivo visado.

Então e só então, poderemos, com confiança aguardar o auxílio divino que jamais foi negado a todos os que agem desta maneira.

Tínhamos diante de nós os alvos da Escola Sabatina no primeiro trimestre que, como sabem, são: Presentes e a tempo. Estudo diário e finanças. Quanto ao primeiro, cremos que jamais poderá ser alcançado porque, como é fácil compreender, mães com o cuidado dos filhos, irmãos que moram longe e nem sempre os transportes são acessíveis, e os recursos financeiros também nalguns casos são outro obstáculo. Esposas cujos maridos têm as suas exigências etc.

Estudo diário. Também teremos sempre dificuldade para conseguir de todos os irmãos esse objectivo. Nem todos sabem ler, outros têm o cérebro tão cansado que não conseguem reter o que lêem e, por isso, desistem. Mas devemos frizar que tal não é razão, e muito mais poderíamos conseguir. Existem pessoas em situações penosas, como por exemplo, a cegueira e no entanto estudam todos os dias a sua lição. Porque não insistir? Porque não tomar a firme determinação de todos os dias ao deitar, não o fazer sem ler uma ou duas perguntas da sua lição? Só quem ainda o não expe-

rimentou não sabe avaliar as bênçãos que de tal hábito nos advêm.

Quanto à parte financeira tínhamos como alvo semanal 491\$00. Damos graças a Deus porque foi amplamente alcançado e ultrapassado. O 13.º Sábado era de 1.965\$00. Estávamos um tanto reaciosos por ser um pouco elevado. Pelo que, tomamos as nossas providências.

Como temos tido entre nós a presença amiga do irmão José de Sousa, rapaz cheio de ideias e dinâmico e bom colaborador, ele se encarregou de organizar o respectivo programa, tomando como base a leitura do Boletim Missionário. Aproveitando a colaboração de vários jovens, um gravador de som e a instalação sonora que presentemente existe na sala da nossa igreja, conseguimos dar-nos com tal realidade uma ideia de que estávamos ouvindo um programa de rádio, que pessoas houve, que foram para as suas casas convenidas de que tinham ouvido, realmente, um programa Adventista captado da própria estação emissora de Boa Esperança. Pois se nem faltava um batuque convocando os selvagens para ouvirem uma mensagem que um antigo feiticeiro, agora convertido à verdade Adventista, tinha para lhes comunicar?!...

Terminou o programa com a habitual apresentação da classe infantil com alguns cânticos e recitativos sempre tão do agrado da congregação.

Os irmãos, sempre compreensivos e generosos, corresponderam ao apelo que lhes foi feito, e assim o alvo foi facilmente alcançado e até ultrapassado, pelo que, a todos estamos imensamente gratos.

Aproveitamos para agradecer a todos a sua boa colaboração, e, duma maneira especial queremos destacar os monitores que, quantas vezes com algum sacrifício, vindo de longe, tendo portanto que levantar-se cedo, mas estão à hora, e sempre prontos a tomar a sua classe, cujas lições este trimestre foram por vezes um tanto espinhosas.

Bem haja a todos pela sua prontidão e zelo. Deus os recompensará, não só no porvir, mas ainda nesta vida em resultados obtidos.

Continuamos aguardando as bênçãos do céu para a Escola Sabatina de Lisboa e que ela seja do mesmo modo uma bênção para todos os irmãos.

J. Graça

Ribeira de Nisa e S. Julião

Temos tido as nossas reuniões de esforço de evangelização e da semana de oração dos M. V., embora a chuva tenha prejudicado um pouco o trabalho.

Em S. Julião e S. António numerosas visitas têm afluído às reuniões devido aos convites e à influência do bom espírito que os irmãos têm manifestado.

Na Comenda manifesta-se um novo interesse das pessoas virem às reuniões. Alguns estão fazendo os seus planos para poderem guardar o Sábado e unirem-se à Igreja.

Esperamos que os resultados se não façam esperar e que com a vinda do novo obreiro que virá apetrechado de um meio de transporte mais adequado, o trabalho possa progredir grandemente.

Desejamos agradecer toda a colaboração recebida dos irmãos destas igrejas e ficamos orando para que o Espírito do Senhor possa ser derramado em grande medida sobre eles e sobre o irmão Chaves que agora toma esta responsabilidade, a fim de que um povo forte e santo possa ser preparado para a vinda de Jesus.

J. Falcão

Reunião administrativa da União Portuguesa

Com a presença dos Irmãos Pastor Fridlin, Presidente da Divisão Sul-Europeia; Pastor Kohler, Tesoureiro da Divisão, e Pastor Steiner, Secretário dos Departamentos da Educação e dos M. V. da Divisão, efectuou-se, no passado mês de Março a reunião administrativa da nossa União.

Foi a primeira vez que os Pastores Kohler e Steiner vieram a Portugal, tendo levado as melhores impressões.

Coincidiu a visita destes nossos prezados Irmãos com a Semana da Juventude.

Por isso, o Pastor Steiner dirigiu as reuniões das últimas noites, animando a todos com a sua vivacidade e entusiasmo.

O Pastor Fridlin dirigiu o culto do Dia do Senhor e também falou na Conferência do domingo seguinte

Notícias de Alvalade

Pouco temos a dizer-vos do nosso trabalho aqui desde a última vez que neste lugar demos algumas notícias; é no entanto com gosto que vos damos parte daquilo que o Senhor continua a operar neste canto da Sua seara.

O nosso primeiro esforço evangelístico deste ano foi iniciado a 14 do passado mês de Fevereiro, com uma série de reuniões com projecções aos domingos, anunciadas por convites distribuídos pelos quarteirões do nosso bairro.

Logo na primeira reunião notámos com prazer a presença de um bom número de visitas, mas foi maior a nossa alegria quando vimos encher-se a sala na segunda reunião, a seguir à distribuição do convite com o título «Que é necessário que eu faça para me salvar?», prova de que muitas almas há ainda que se interessam pela salvação. É por essas que estamos trabalhando e foi por elas que Jesus deu a Sua vida.

Sábado após sábado os nossos irmãos têm saído a convidar os seus vizinhos e amigos a assistir às reuniões, e como resultado até agora, podemos já contar com a presença certa de várias pessoas que estão seguindo com interesse a exposição da verdade. Seja Deus servido de que pelo menos uma parte delas possa ainda decidir-se a aceitá-la.

Não nos é dado continuar pessoalmente este trabalho por o Senhor nos ter chamado a outro canto da vinha, mas estamos certos de que ele prosseguirá com novas e maiores perspectivas sob a direcção do nosso irmão Pastor Abella, que pode desde já estar certo da simpatia e franca colaboração do bom grupo de irmãos cheios de espírito missionário, da igreja de Alvalade.

Em Odivelas não tivemos ainda o prazer de inaugurar a nova salinha que nos permitirá maior conforto e melhores condições para convidar o público, mas os nossos irmãos ali continuam animados e dando o seu testemunho da bem-aventurada esperança que lhes enche o coração.

Uma nova oportunidade se apresenta agora aos crentes da igreja de Alvalade: o curso de pregadores voluntários. A seguir à visita do nosso irmão Pastor Casaca, presidente da União Portuguesa, que no sábado 21 de Fevereiro nos falou das muitas e preciosas bênçãos que a todos este Curso proporciona, 25 membros se decidiram a adquirir por ele uma melhor preparação para o serviço do Mestre. Oxalá estes zelosos irmãos se tornem uma verdadeira bênção na causa do Senhor nestes últimos dias em que a Igreja deve dar novo impulso à obra da divulgação do Evangelho e da mensagem do terceiro anjo!

De todos guardamos uma grata recordação e aproveitamos esta oportunidade para a todos agradecer a activa colaboração que nos dispensaram no trabalho e

o bom espírito que sempre os amou em todas as actividades. Que o Senhor conceda a esta simpática congregação muitas e ricas bênçãos espirituais no prosseguimento da sua tarefa de evangelização do bairro de Alvalade.

D. Vasco

Aguardando a ressurreição

Com 84 anos, descansou no Senhor, a 14 de Março de 1959, no Pico da Pedra, o saudoso Irmão Anselmo Bernardo de Aguiar, membro fiel da igreja de Ponta Delgada, que até à hora da morte, deu sempre bom testemunho da sua fé, falando a todos que o visitavam, incluindo o padre da freguesia, da sua confiança em Jesus e da esperança da Salvação Eterna.

Como o funeral teve lugar no domingo, dia 15, o pároco da freguesia serviu-se das 3 missas do dia para ameaçar de excomunhão todo o que tomasse parte no funeral; porém o povo, que sabia quanto devia ao extinto, pelos melhoramentos e benefícios prestados à freguesia, preferiu incorrer nessa penalidade, incorporando-se no cortejo fúnebre. Assim, 167 homens (porque não é hábito a mulher micaelense tomar parte num préstito fúnebre) acompanharam o nosso irmão até à sua última morada.

Sirvo-me da «Revista Adventista» para apresentar à família enlutada os meus sentidos pésames.

Fernando Garcia Mendes

Descansou na Paz do Senhor

Depois de um prolongado sofrimento findou a sua carreira terrestre aguardando a bem-aventurada esperança da Ressurreição, a nossa Irmã na Fé Amélia de Jesus Madeira Marreiros, com 80 anos de idade, extremosa esposa do nosso Irmão Rufino Marreiros.

Tanto em casa, como depois no cemitério, perante uma vasta assistência de pessoas amigas e membros de família, o que mais uma vez demonstrou quão respeitados e estimados eram nossos Irmãos Marreiros, foram lidas as promessas de Deus e, realçada a grande verdade de que «bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor».

Em nome da igreja local e, em nosso próprio nome, apresentamos aos membros da família Madeira Marreiros a expressão da nossa simpatia pela separação de sua Querida Esposa, Mãe e Avó.

(Da igreja de Faro)

Missão interior

1. Evangelismo Leigo

Estão em pleno funcionamento os Cursos de Pregadores Voluntários em todas as nossas igrejas. Esperamos que estes Cursos possam constituir uma verdadeira bênção para o trabalho de evangelização na nossa União, pois lemos em *Obreiros Evangélicos*, pág. 347: «A obra de Deus nesta terra nunca poderá ser terminada a não ser que os homens e as mulheres que constituem a igreja concorram ao trabalho e unam os seus esforços aos dos ministros e oficiais da igreja...»

A igreja deve sentir o privilégio de estar em trabalho activo e constante a favor dos que perecem, pois foi para isso que, no dizer da serva do Senhor, ela foi organizada. «A igreja de Cristo sobre a terra foi organizada com propósito missionário, e o Senhor deseja ver toda a igreja ideando caminhos e meios pelos quais elevados e humildes, ricos e pobres possam ouvir a mensagem da verdade». — *Test.*, Vol. VI, pág. 29.

Todos podem fazer algo, se consagrarem os seus talentos ao Senhor e juntos devemos unir-nos no mesmo esforço e objectivo, que constitui a ordem do Mestre: «Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda a criatura. Quem crer e for baptizado será salvo; mas quem não crer será condenado». Marcos 16:15 e 16.

Esforcemo-nos, pois, por bem cumprir a nossa tarefa.

2. Campanha das Missões

Sábado, 4 de Abril, é a data marcada para o início desta grande e importante campanha, em que toda a igreja deve colaborar, aproveitando esta oportunidade excepcional de fazer contactos e falar do evangelho.

Não há dúvida de que nos encontramos no limiar da profecia de Jesus: «A noite vem, quando ninguém pode trabalhar». João 9:4. Nós necessitamos trabalhar enquanto é dia, pois os agentes do mal estão-se unindo para a destruição. «Quem pode duvidar de que os agentes de Satanás estão trabalhando entre os homens, com crescente actividade, para perturbar e corromper a mente, manchar e destruir o corpo?» *A Ciência do Bom Viver*, pág. 132.

Portanto, antes que a noite chegue, saíamos ao trabalho, oferecendo os nossos talentos ao Senhor para que sejam usados para Sua honra e glória, e assim a igreja possa receber as bênçãos prometidas e responder à pergunta: «Quem é esta que aparece como a alva do dia, formosa como

a lua, brilhante como o sol, formidável como um exército com bandeiras?» Cantares de Salomão 6:10.

Mudanças de Obreiros

Atendendo às necessidades da Obra do Senhor, no campo, realizaram-se as seguintes mudanças de Obreiros:

Para o Porto, Víctor Martínez; para Caldas da Rainha, Raúl Vieira de Menezes; para Tomar, J. J. Pires; para Alvalade e Departamento da Escola Rádio-Postal, J. Abella; para a igreja de Lisboa, Pedro B. Ribeiro e David Vasco; para Beja, Manuel Laranjeira; para a Madeira, Eliseu Miranda; para Angra do Heroísmo, A. Baião; para Espinho, Canelas e Avintes, J. J. Laranjeira; para Aveiro, M. Leal; para Leiria, J. Grave; para Cascais, Eng. J. Nunes Ramos; para Lisboa, como Secretário do Departamento das Publicações, M. Miguel.

Que o Senhor se digne abençoar estes Seus servos e as Igrejas que agora lhes são confiadas, para que, todos unidos, possamos terminar a Obra que Ele nos deu a fazer: a evangelização do nosso querido Portugal!

(Continuação da página 6)

atribuir esse declínio espiritual ao sentimento geral.

Eis aqui o testemunho de uma Escola Sabatina que experimentou o plano de uma classe única: «No Sábado passado a nossa Escola Sabatina experimentou o que talvez pudéssemos chamar uma mudança de rumo... A divisão dos adultos reunia-se cada Sábado no salão principal da igreja como uma grande classe. Porém voltámos ao sistema de pequenas classes, e a quase todos nos agrada mais assim».

Apeguemo-nos firmemente ao plano comprovado e bem estabelecido que tem feito da Escola Sabatina um factor de alta edificação de nossas igrejas ao redor do mundo. Então jamais perderemos de vista os grandes objectivos da Escola Sabatina, sendo o principal de todos, suponho, a instrução sistemática, regular e afectiva de homens e mulheres, meninos e meninas na Palavra de Deus, com o propósito de os preparar para testificarem de Cristo aqui presente-mente, e ao fim obterem um lugar em Seu reino imprecível.



O falecido irmão Anselmo de Aguiar, na sua última visita à igreja de Ponta Delgada

Écos do Além

(À memória do Irmão Anselmo Bernardo de Aguiar)

*Que segredos murmura a terra fria
no silêncio bucólico da lousa?
No convulso cismar da cruz esguia
que mistério monótono repousa?*

*Porque sorri alvarmente ironia
que dúbia luz em seu regaço pousa?
— É que aqui vejo orgulho em agonia,
volver ao nada aquele que mais ousa!*

*Aqui olhei atletas; oh... de braços!
também ouvi do arlequim soluções!...
— Preces que o vento imita em vendavais!*

*Presenciei aquele ateu chorando,
olhos em fogo ardente, desejando
da tua Fé um naco ou pouco mais!*

Ilha Verde, 18 de Março de 1959
Eduardo Moniz de Andrade

Uma oração ouvida

Os acontecimentos que a seguir se descrevem, ocorreram no seio da comunidade de Mount Hagen Handicapped Colony, na Nova Guiné.

Gela é a esposa de Galaghasa, nosso professor nativo das Ilhas de Salomão. É mãe de cinco filhos, cujo mais velho, no momento em que se passam estes acontecimentos, era estudante no Colégio do Mar de Coral, em Kabiufa. Gela foi atingida por uma grave malária cerebral, e, quando, numa manhã, o Dr. Yeatts correu a vê-la, encontrou-a em coma, devorada por uma febre ardentíssima. O médico receitou-lhe determinados remédios e injeções.

A doente foi transportada para a enfermaria, onde poderia ser tratada mais atentamente, longe do bulício causado pelos filhinhos.

Durante a noite o seu estado tornou-se muito grave, mas de manhã, produziram-se algumas melhoras. Mas durante todo o dia delirou, assim como na noite seguinte. Era doloroso vê-la em tal estado, quando se recordava que era alegre e activa.

Os nossos irmãos iniciaram, então, uma cruzada de orações contínuas a favor da doente. O marido e as enfermeiras pediram a Deus que a curasse, se fosse da Sua divina vontade e que lhe restituisse as faculdades mentais.

Por duas vezes, durante, a noite, lhe foram ministrados remédios.

Ao dealbar, a doente retomou consciência e contou, que durante a noite tinha ouvido cantar: «Jesus é meu, todas as alegrias deste mundo desaparecem». Acrescentou que sentira que o leito era fortemente agitado e que retomava pouco a pouco consciência de si mesma.

Gela está convencida de que o Senhor se aproximou dela e que a curou; todas as pessoas que foram testemunhas desta cura também estão convencidas de que foi o Senhor Jesus, que a curou.

Mais tarde, dizia uma jovem indígena: «Ainda temos no céu um Pai que nos quer bem!»

Efectivamente, sabemos que Deus ouve as nossas orações e atende-as.

COLPORTAGEM EVANGELÍSTICA

A Colportagem é o melhor elemento de que o Senhor se está a servir em toda a parte para despertar interesse pela mensagem de advertência ao mundo. Estou certo de que nenhum adventista o ignora ou põe em dúvida, a avaliar pelas experiências do passado, algumas das quais já foram apresentadas nas colunas desta revista no decorrer de muitos anos.

A confirmar esta asserção, há nas nossas igrejas casos bem conhecidos de numerosos membros atraídos pelos livros, bíblias ou folhetos colocados pelos nossos colportadores, mas há muitos mais — posso afirmá-lo sem receio de desmentido — que nunca revelaram o meio pelo qual foram atraídos, e se o desejarem fazer, em qualquer altura, podem dirigir-se-me, por escrito ou pessoalmente; pois não só se enalteceria com isso

o nobre trabalho do Colportor, que seria valorizado aos olhos humanos, como contribuiria para estimular quantos dedicam o seu tempo e a sua vida a tão importante como útil — e porque não dizer mesmo indispensável? — ramo de actividades da causa de Deus sobre a Terra.

Do livro «O Colportor Evangelista» página 17, extraio as palavras seguintes: «O Colportor inteligente, temente a Deus e amante da verdade, deve ser respeitado, porque ocupa uma posição igual à do ministro evangélico. Muitos dos nossos ministros jovens e dos que se estão a preparar para o ministério fariam, se verdadeiramente convertidos, muito bem, em trabalhar no campo da Colportagem. E aproximando-se do povo e apresentando-lhe as nossas publicações, ganhariam uma experiência que

não podem obter pregando simplesmente. Ao irem de casa em casa, poderiam conversar com as pessoas, levar-lhes a fragrância da vida de Cristo. Esforçando-se assim para abençoar outros, abençoar-se-iam a si mesmos; obteriam uma experiência na fé; o seu conhecimento das Escrituras aumentaria grandemente; e estariam constantemente a aprender como ganhar almas para Cristo».

Apreciando estas palavras inspiradas da irmã Ellen White, somos levados a meditar nas muitas e maravilhosas oportunidades ao alcance do Colportor que faz do seu trabalho um ministério evangélico. No nosso país há muitas cidades e vilas onde vivem muitos milhares de almas que não têm ainda qualquer centro próximo onde a doutrina verdadeira esteja sendo pregada e que as possa levar

DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES DA UNIÃO PORTUGUESA

RELATÓRIO DE VENDAS DE JANEIRO E FEVEREIRO DE 1959

NOMES	HORAS	LIVROS		REVISTAS		Valor Total
		N.º	VALOR	AVULSO	ASSINATURAS	
Adelino Nunes Diogo	374	13	405\$00	135\$00	9.200\$00	9.740\$00
Manuel de Jesus Correia Ratana	220	6	150\$00	—\$—	9.400\$00	9.550\$00
Inácio Duarte da Conceição	381	9	365\$00	75\$00	8.400\$00	8.840\$00
Eliseu Gomes	141	7	180\$00	—\$—	5.750\$00	5.930\$00
Maria Luísa Saboga Serra	232	—	—\$—	—\$—	5.450\$00	5.450\$00
Elias Mendes Rodrigues	231	23	745\$00	170\$00	4.250\$00	5.165\$00
António Tomás Pinto de Aguiar	109	—	—\$—	60\$00	4.250\$00	4.310\$00
Marcolino Oliveira	378	41	780\$00	845\$00	2.200\$00	3.825\$00
Isaias da Silva	248	15	235\$00	320\$00	3.250\$00	3.805\$00
Joaquim Dias de Oliveira	112	13	465\$00	—\$—	3.280\$00	3.745\$00
João António	304	155	3.735\$00	—\$—	—\$—	3.735\$00
António Gomes Duarte	272	26	530\$00	—\$—	3.200\$00	3.730\$00
Francisco Quintino	57	1	30\$00	375\$00	3.050\$00	3.455\$00
Eduardo Moniz Andrade	33	—	—\$—	20\$00	3.250\$00	3.270\$00
Artur Abreu de Oliveira	200	14	387\$50	65\$00	2.210\$00	2.662\$50
Domingas da Conceição Martins	227	8	280\$00	220\$00	2.140\$00	2.640\$00
Arnaldo Martins	197	1	10\$00	20\$00	2.550\$00	2.580\$00
Anselmo Gorgulho de Almeida	96	21	675\$00	40\$00	1.650\$00	2.365\$00
Afonso António	311	84	2.030\$00	—\$—	—\$—	2.030\$00
Joaquim da Conceição Marçal	64	9	140\$00	100\$00	1.600\$00	1.840\$00
António Augusto Lopes	127	3	110\$00	60\$00	1.650\$00	1.820\$00
Zulmira Pinto Machado	194	2	160\$00	35\$00	1.350\$00	1.545\$00
Maria da Conceição F. Rezende	44	5	275\$00	170\$00	950\$00	1.395\$00
Joaquim Reis Lopes	39	—	—\$—	—\$—	1.100\$00	1.100\$00
Judite Gabriela de Aguiar	20	—	—\$—	—\$—	850\$00	850\$00
João Machado Cardoso	32	—	—\$—	—\$—	750\$00	750\$00
Micaela do Céu Dias da Silva	16	4	180\$00	—\$—	300\$00	480\$00
João José Parreira Lopes	22	—	—\$—	5\$00	300\$00	305\$00
Diversos	468	184	5.425\$00	710\$00	5.150\$00	11.285\$00
Totais.....	5.149	644	17.392\$50	3.425\$00	87.480\$00	108.297\$50

à salvação, pelo que faz parte do nosso programa colocar colportores evangelistas em tais cidades ou vilas com o fim de despertarem interesse que justifique o estabelecimento de casas de culto onde se possam congregar os interessados e chamar muitos outros mais.

Há dois anos já que temos colportores circunscritos em cidades importantes e no verão passado animámos o irmão Manuel Correia Ratana a fixar residência em Évora, por se tratar do maior centro e da mais importante cidade do vastíssimo Alentejo; com o auxílio da máquina de projectar e alguns filmes religiosos que lhe fornecemos e de um gravador de som que ele adquiriu com o fim de animar as suas reuniões com os hinos gravados nas nossas congregações, o nosso Irmão, com o seu esforço e o auxílio de Deus, aproveitou os fins de semana e as horas vagas de que ia dispondo, e criou um tal interesse à sua volta, não só em Évora, como em Estremoz e Montemor-o-Novo, que já conta duas dezenas de almas dispostas «a batalhar pela fé que uma vez foi dada aos santos». *S. Judas, 3.*

Foi-me dado o privilégio de ter sido o primeiro pastor a contactar com as almas interessadas pelo nosso Colportor em Évora, a cuja cidade me desloquei para o efeito, a pedido do nosso Presidente da União, impossibilitado pelos muitos problemas do seu cargo, e ali fui com o fim de colher elementos de informação para se poder encarar a possibilidade de ser criado em Évora um centro de evangelização que irradie para as cidades e vilas ao redor, e qual não foi a minha surpresa quando me foram apresentados dois casais que já estão a guardar o Sábado, assim como uma outra família composta por cinco pessoas, entre as quais dois jovens prometedores!

Nessa noite — 26 de Fevereiro — tivemos uma muito agradável reunião com a presença de doze pessoas, em casa do nosso Colportor, que me informou não lhe ter sido possível convidar outras pessoas interessadas que às suas reuniões costumam assistir e

não compareceram por não ser dia habitual de reunião, pois não lhe foi possível ausentar-se para muito longe da sua casa por estar muito doente a sua esposa. Era bem visível o interesse e satisfação manifestados pelas pessoas presentes nesta reunião, deixando-me uma impressão tão agradável, que já mais esquecerei.

Porque o seu trabalho obriga o nosso Irmão a passar semanas seguidas ausente de Évora, o nosso Presidente da União já tomou providências para que no fim de Março sejam apresentadas todas as pessoas interessadas desta região ao pastor Manuel Laranjeira com o fim de se deslocar regularmente de Beja para lhes prestar a assistência espiritual necessária.

Mais uma vez se prova, por esta experiência, que o Senhor tem os Seus filhos em qualquer parte e que, para os despertar da apatia em que se encontram ou chamar do erro em que militam, Ele serve-se de todos os meios, por vezes os mais estranhos; e que fim terão os que não chegarem a conhecer o apêlo?! São impressionantes as palavras do apóstolo S. Paulo aos Romanos 10:14 e 15: «...como ouvirão se não há quem pregue? Como pregarão se não forem enviados? Está escrito: quão formosos os pés dos que anunciam a paz, dos que anunciam coisas boas!»

Há razão, portanto, para a nossa boa intenção de animar a Colportagem Evangélica e apro-

veito esta ocasião para convidar todos os membros das nossas igrejas, jovens ou não, que queiram fazer também uma experiência, com a garantia de que nenhum será decepcionado, pois «a seara é realmente grande, mas poucos os ceifeiros». *S. Mat. 9:37.*

Ao terminar esta notícia desejo felicitar o meu estimado Colaborador pelas primícias da sua sementeira, e rogar ao Senhor da seara que regue a semente lançada nos corações para que produza os frutos mais abundantes e agradáveis que possam ser esperados. Esta experiência do distrito de Évora vem provar à evidência que muito há a fazer em terras de Portugal; a experiência está feita não só em Évora, como em Braga, em Aveiro e muito em breve em Leiria; temos de a continuar, pois é nosso propósito levá-la por diante até atingirmos todos os lugares da nossa terra. Noutra altura diremos o que se está a passar naquelas e noutras cidades e vilas do Continente e das Ilhas Adjacentes e que o Senhor permita que tais notícias sejam tão animadoras como a que agora damos de Évora e sua região.

Que estas palavras possam inspirar muitos irmãos e irmãs a usar os nossos livros para descobrirem as almas dispostas a aceitar as mensagens que eles encerram, é o desejo muito sincero do vosso irmão em Cristo.

J. Simões Grave

Devem ser seguidas as advertências do Espírito de Profecia

«Tempos perigosos estão à nossa frente. Todo aquele que possui o conhecimento da verdade deve despertar e colocar-se, de corpo, alma e espírito, sob a disciplina de Deus. O inimigo está no nosso encalce. Precisamos de estar bem despertados, em guarda contra ele. Precisamos de nos revestir de toda a armadura de Deus. Temos que seguir as direcções dadas por meio do Espírito de profecia. Temos de amar a verdade para este tempo e obedecer-lhe. Isto nos guardará de aceitarmos fortes enganamentos. Deus falou-nos mediante a Sua Palavra. Falou-nos pelos testemunhos para a Igreja, e pelos livros que têm ajudado a esclarecer o nosso dever presente, assim como a posição que devemos ocupar, agora. As advertências que têm sido dadas, mandamento sobre mandamento, regra sobre regra, devem ser tomadas bem a peito. Se as menosprezarmos, que desculpa poderemos apresentar?» — *Testemunhos Selectos*, vol. III, pág. 275.

ATRAVÉS DO MUNDO ADVENTISTA

Cem novos adventistas em Montana

Durante mais de quatro meses, em 1958, o teatro de Roxy, em Missoula, no Estado de Montana, Estados Unidos, foi o centro de uma campanha evangelística. As reuniões efectuavam-se nas noites de domingo, quarta, sexta e Sábado.

As reuniões foram sempre muito frequentadas, apesar da propagação contrária que se fez, logo desde o início da campanha. Os membros da igreja local tiveram reuniões especiais de oração para o bom êxito da campanha, que teve, efectivamente, as bênçãos de Deus, pois foram baptizados cem dos assistentes às conferências. E já há mais de vinte que se estão também preparando para serem sepultados com Jesus, nas águas do baptismo.

Novo templo na Argentina

Foi consagrado, recentemente, um novo templo adventista, em Salta, na extremidade nordeste da Argentina. Assistiram 150 pessoas. A cidade conta 70.000 habitantes; os nossos irmãos estão dando estudos bíblicos a 230 pessoas.

Os M. V. no Extremo Oriente

Os Missionários Voluntários do Extremo Oriente estão-se dedicando a uma actividade de conquista de almas. Eis o que relata o secretário do Departamento dos Missionários Voluntários daquela Divisão, a propósito do que fazem na Formosa:

«Os alunos da nossa escola, assistidos por outros Missionários Vo-

luntários, efectuam, regularmente, reuniões nas localidades dos arredores. Estes jovens proclamam com entusiasmo a sua fé. Vão de aldeia em aldeia, efectuando reuniões e dando estudos bíblicos. Este trabalho já principiou a dar frutos: já foram baptizadas 43 pessoas, e há 250 interessados, frequentando classes baptismais. Entre os candidatos ao baptismo há dois que sentem vocação para o ministério.

Literatura adventista para Judeus

As nossas igrejas do distrito de Boston (Estados Unidos) resolveram enviar durante várias semanas, literatura adventista para 2.000 Judeus, esforçando-se ao mesmo tempo para que os destinatários se inscrevam no Curso Bíblico por Correspondência para Judeus».

ILHA BRAVA – CABO VERDE

A Ilha Brava é o berço da Obra Adventista no arquipélago de Cabo Verde. Foi em 1933 que A. J. Gomes, natural desta ilha e vindo da Califórnia (USA) para visitar sua Família, aproveitou a sua estadia de sete meses para falar do nosso Movimento. Várias pessoas se interessaram no Evangelho e em 1935 foi enviado o primeiro missionário, Pastor Alberto F. Raposo. A mensagem do Advento entrou gradualmente nas outras ilhas do Arquipélago e hoje o nosso trabalho estende-se de S. Vicente a Brava, passando por S. Tiago e pelo Fogo, não esquecendo os nossos irmãos isolados nas outras ilhas.

Dos 71 membros no activo, todos se encontram encorajados e esperando o Dia do Senhor. O nosso trabalho dispersa-se pelos sítios mais afastados da Ilha e estamos trabalhando animada e corajosamente para trazer de novo a Igre-

ja àqueles que quiseram experimentar «o presente século». Resultados são obtidos e vários desses ex-irmãos desejam entrar de novo na comunhão do Senhor. Em Cova Rodela de Traz as reuniões de quinta-feira à noite são animadíssimas. Dezenas de pessoas escutam com atenção as palavras do Evangelho, e ultimamente uma boa dezena se levantou no fim da reunião, prometendo entregar os seus cuidados ao Senhor.

Aos Sábados funcionam três Escolas Sabatinas num total de 5 classes e a lição infantil é feita em língua nativa. A Juventude está ao trabalho e visitas sistemáticas são feitas aos membros mais afastados.

Temos aqui muito trabalho e esperamos que nas vossas orações se lembrem de nós para que o trabalho avance nesta África.

Vosso no Senhor

Orlando Costa

Templo adventista no Círculo Polar Ártico

Na cidade norueguesa de Harsstad, ao norte do Círculo Polar Ártico, foi inaugurado um lindo templo, cuja planta foi traçada por um membro da igreja. A galeria, separada da sala por janelas duplas que se podem abrir em caso de necessidade, fica reservada às mães que estejam com os seus filhinhos.

As autoridades locais tomaram parte na inauguração da nossa igreja, assim como o pastor luterano da Igreja nacional, o pastor baptista e o pároco da Igreja Católica.

A Mensagem na América do Sul

As cinco Uniões da Divisão Sul-Americana obtiveram um total de 2.562 baptismos, durante os seis primeiros meses do ano de 1958.